

XVII CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CEARÁ

Tecnologias da Educação: passado, presente, futuro



Anais XVII Congresso de História da Educação do Ceará. V.1, 2018, ISSN 2237-2229

EDUCAÇÃO ANTIRACISTA EM TERRITÓRIO DE MAIORIA AFRODESCEDENTE

Emanuela Ferreira Matias¹⁷¹

Henrique Cunha Junior¹⁷²

INTRODUÇÃO

Entendemos como território de maioria afrodescendente, comunidades, bairros da periferia das cidades, que possui em sua maioria pessoas que se classificam como pardos e negros. De acordo com alguns autores como, Juliana Sousa Mavoungou - Yade (MAVOUNGOU - YADE, 2010), Maria Cecília Felix Calaça (CALAÇA, 2013), Henrique Cunha Junior (CUNHA JUNIOR, 2011), define que os territórios geográficos cuja população é de maioria negra e produziu transformações que representam inscrições negras. Afroinscrições como conceito trata-se do reconhecimento do que foi escrito pelas transformações realizadas nos bairros, cidades e territórios de maioria africana e afrodescendentes. O que permanece escrito na história material e imaterial de produção de africanos e afrodescendentes. As transformações implicam em conhecimentos, técnicas e tecnologias cujas inscrições são testemunhos da importância cultural de um povo. O fazer da inteligência humana criam inscrições históricas.

¹⁷¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (PPGE/UFC), na Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. E-mail: manumatias26@yahoo.com.br

¹⁷² Professor Titular da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: henriquecunha@yahoo.com.br

Sendo assim a educação, é importante para a tomada de consciência e identidade afrodescendente nos territórios de maioria negra, é na escola que podemos construir outras perspectivas de educação pautada numa educação antirracista, buscando a valorização da cultura e contribuição dos negros e negras, índios e índias na história do seu bairro, do seu municípios, estado e do Brasil.

Por isso a educação, junto com outras políticas públicas são instrumentos necessários na luta contra o racismo. Em 2003 foi promulgada a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da cultura afro brasileiro e africano na educação básica, em 2008 foi alterada para a lei 11.645/08 que vesa sobre também à influência Indígena na construção do Brasil. É um mecanismo de combate ao racismo e a discriminação racial. É fruto das lutas e resistência do movimento Negro no Brasil.

Mesmo sendo a população negra a maior do país cerca de 54 %%, dados do IBGE de 2010, nossa história ainda não é valorizada como se deve, nossa herança cultural africana é apenas lembrada em datas como o 20 de novembro apenas alguns eventos na escola em alusão ao dia da Consciência Negra e tem como referência, Zumbi dos Palmares, marco na luta contra o escravismo através dos quilombos.

A construção da nossa escola é pensada em modelos e padrões eurocêntricos. Que de maneira consciente e inconsciente, reproduz situações de discriminação a culturas que não estejam ligadas ao ocidente. A África não é considerada como berço da humanidade e nem do conhecimento. Grandes teóricos como e outros comprovam que a África é o berço da humanidade. DIOP (1950). CUNHA, Junior (2007) e (2010) mostra a importância do conhecimento africano, no Brasil no período Colonial. Esses conhecimentos desenvolveram a pecuária e a lavoura e do Açúcar no Brasil e no mundo.

O abismo social entre negros e brancos ainda persiste e precisamos combater, oportunizando uma educação em que crianças negras se sintam valorizadas e fortalecida pela visibilidade do que lhes representam de maneira positiva e significativa. Diante disso, a Lei 10.639/ 03, visa combater o racismo e construir uma educação antirracista com respeito às diferenças e enaltecendo a cultura negra, que foi e ainda é muito discriminada.

Um povo que não sabe a sua história não tem identidade, portanto ela precisa ser conhecida e reforçada, mostrada de maneira positiva. Dando visibilidade às lutas e a importância dos negros africanos na cultura, na língua, na economia e no desenvolvimento do

Brasil e no mundo. Esse resgate da história não deve ser de interesse somente de alunos negros, mas de alunos brancos e de outras descendências. Como aponta MUNANGA no livro, **Superando o Racismo na Escola**.

“O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional”. (MUNANGA 2005, P. 16).

A escola deve ser o espaço de construção de cidadãos e prepará-los para a sociedade. É na escola que acontecem as primeiras socializações e é também um espaço de conteúdo sistemático e constante e obrigatório para todo cidadão como manda a constituição, por isso que a escola tem um papel fundamental na construção de uma educação antirracista. E é nesse espaço que devemos atuar de forma que nosso conteúdo respeite as diferenças étnicas, é que sejam livres de preconceitos. E possibilitem nossos alunos a construir uma nova mentalidade quanto às diferenças entre cor, religião e gênero e demais.

A construção da identidade negra se faz necessária, no entanto precisamos ter e criar referenciais em que as crianças negras se reconheçam tanto na sala de aula como também em seu cotidiano. A representação é importante para a construção de uma identidade positiva. SODRÉ (2015, p. 39) aponta que “A identidade de alguém, de um “si mesmo”, é sempre dada pelo o reconhecimento do “outro”, ou seja, a representação que o classifica socialmente”. Crianças negras que sempre ouvem que seus cabelos são feios, sua cor e sempre escutam apelidos pejorativos dos colegas, essas crianças nunca vão se achar bonitas, ter autoestima. Já as crianças brancas sempre são as referências no padrão de beleza e isso leva as crianças negras a imitá-las, alisando cabelo negando a cor e sua origem negra.

A escola tem limites e falta compreensão sobre a lei. O professor cumpre um papel importante, para tanto sozinho não conseguirá quebrar ciclo vicioso do racismo, visto que a formação dos professores é limitada. Ao analisar o artigo de Sales Augustos dos Santos, intitulado: A lei 10.639/03 como fruto da Luta antirracista do Movimento Negro, publicado em 2005.¹⁷³ Aponta que a Lei é bem genérica e joga a responsabilidade do ensino para os

¹⁷³ - Artigo publicado no livro Educação Antirracista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03.

professores, ou seja, vai depender da vontade e do esforço de um professor, coordenador ou diretor que a lei aconteça e o conteúdo sobre a cultura afro brasileira, africana e indígena seja ministrado em sala de aula. Não foi instituído um órgão responsável pela fiscalização da lei. Os conselhos de educação não dão a devida importância para isso.

A partir do método observador participante no tópico subsequente vamos trazer algumas experiências vivenciadas em pesquisas de campo, pelas autoras desse artigo. Impressões observadas em sala de aula e na relação com os sujeitos.

NARRATIVAS DE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS VIVÊNCIADAS EM CAMPO.

Em pesquisas anteriores podemos constatar um abismo que existe entre a lei 10.639/03 e a prática. A experiência sempre parte de um ou dois professores, dificilmente do coletivo dos professores ou do plano da escola. Só algumas escolas têm fundamento no plano pedagógico anual.

Em uma das escolas que tivemos contato percebemos que a prática vinha da experiência por parte de um professor. Seu plano de aula sempre vinha pautado de forma transversal a importância da cultura Afrobrasileira, africana e indígena. Essa experiência foi analisada em 2015, a escola João Germano da Ponte Neto¹⁷⁴. O projeto nasceu no início do ano de 2015, quando o professor começa a perceber que muitas crianças usam termos ligados às religiões de matrizes Africanas para agredir outras crianças. E a partir também de uma aula de matemática sobre um quadro estatístico sobre o quantitativo de seguidores de religiões. Nisso, muitas perguntas ocorreram sobre as religiões de Matrizes Africanas, pejorativamente chamada de *Macumba*. O Projeto teve como objetivo disseminar junto aos/as alunos/as uma cultura de tolerância, respeito e paz para com as religiões de matrizes africanas (Umbanda e Candomblé), bem como para seus seguidores/as. Abaixo relato de uma das alunas que integraram o projeto do professor em 2015. Religiões de Matrizes Africanas: desconstruindo preconceitos, construindo novos conceitos.

Alika ¹⁷⁵(9 anos): Eu via como errado e chamava todo mundo de macumbeiro. Eu aprendi que devemos respeitar uns aos outros que seja de qualquer religião, temos que respeitar e não chamar de pessoas de apelido não devemos magoar as plantas, no terreiro eu aprendi que algumas plantas servem para limpar o corpo, outras servem para

¹⁷⁴ Escola situada no Conjunto Palmeiras, região sul de Fortaleza. Periferia da cidade.

¹⁷⁵ Nome fictício de origem africana

dor, e os Deuses quando eles da abença ele se deitava no chão e mãe de santo fica ou todo lugar ao mesmo tempo e qualquer coisa que acontece eles celebram cantando música e fazendo a festa. (grifos dos Alunos).

O que percebemos nessa experiência a ação do professor em uma única sala houve repercussão por toda a escola, as crianças da sala do professor Eduardo, levaram a mensagem por toda escola e todas as crianças vinham observar as aulas do professor não somente as crianças mais também a direção e outros professores. Infelizmente esse professor não leciona mais na escola João Germano, e também não tenho notícia de projetos como o professor realizou na escola.

Outra experiência que observamos foi participando de uma atividade na comunidade do Conjunto Palmeiras, bairro da periferia da cidade de Fortaleza-Ce, o café com Preto. A experiência do Café com preto é realizado por uma liderança de terreiro o Ogã ou Tambozeiro¹⁷⁶, Rafael Oliveira, essa atividade que tem como objetivo reunir o povo de terreiro, todas as casas de umbanda que ficam próximas para se confraternizar e conversarem entre si sobre os preconceitos que a religião sofre. E o dia que o terreiro vai pra frente da casa para mostrar toda a cultura e as divindades que uma casa de umbanda tem. O que há é muito tambor e muita fartura com as comidas de Santo preparada para os participantes e quem quiser chegar e conhecer é o dia que o terreiro vem pra rua.

E em uma dessas atividades o pai de uma das crianças relatou que seu filho sofria racismo na escola pelo fato de ser preto e de freqüentar a umbanda no bairro. O pai da criança precisou ir à escola para chamar atenção da escola, para que a discriminação com seu filho parassem, pois a criança já não queria mais ir à escola para não ser discriminado. A escola prometeu tomar providencias sobre o caso, mas ainda sim a situação parte de forma individual chamando atenção de algumas crianças. A escola em questão não buscou tratar o caso de racismo de forma coletiva.

As periferias estão à margem das cidades, são territórios de grandes resistências e força do povo negro deste país. Assim como no Conjunto Palmeiras há várias comunidades resistindo. A cultura impulsiona como força mobilizadora para reunir e definir estratégias de sobrevivência no lugar, dando outras possibilidades a homens, mulheres criança negras, através da arte, música, teatro, capoeira. Os grupos a força dos movimentos populares também ajudam

¹⁷⁶ Pessoa que tem como função no terreiro tocar o tambor para as divindade e encantados.

impulsionar o comunitarismo, uma ação que acontece, que tem completamente raízes em África. A seguir iremos tratar os dados e o impacto na vida das crianças e de jovens.

IMPACTOS DA FALTA DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRACISTA NA VIDA DAS CRIANÇAS, ADOLESCENTE E JOVENS

Várias pesquisas vêm demonstrando o quanto que a discriminação e o racismo são capazes de fortalecer o fracasso escolar de crianças negras e pobres das periferias. Uma vez que a temática racial ainda é vista de maneira inferiorizada na escola. O racismo imprime marcas na subjetividade que marcam a vida toda. A escola tem uma importância fundamental nesse processo. Como orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira-DCN's.

“A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. (DCNS, P. 15)”.

Quando pensamos em situação de preconceito e discriminação racial na escola buscamos sempre tratar dentro do senso comum com exemplo com termos: *somos todos iguais! Não ele não é macumbeiro! Não ele não é neguinho feio!* A intervenção do professor primeiro parte do princípio de negar o problema existente do racismo apelando para o Bullying colocando todos na mesma balança. Perdendo a chance de construir novos conceitos e de reafirmar: *sim ele negro, não ele não é macumbeiro ela da umbanda ou do candomblé.* (CAVALEIRO 2015 p.32) “O silêncio dos professores perante situação de discriminação imposta pelos próprios livros escolares acaba por vitimar os estudantes negros. Este ritual pedagógico, que ignora as relações étnicas estabelecidas no espaço escolar, pode estar comprometendo o desempenho e o desenvolvimento da personalidade de crianças e de adolescente negros.

As expressões utilizadas pejorativamente parte do princípio da origem e da cor, é necessário fazer a criança em idade escolar refletir sobre esses termos e mostrar as diferenças e que devemos respeitá-las. Somos herdeiros e influenciados por diversas culturas que historicamente foi negado a influência dos africanos que contribuíram para a formação do

Estado brasileiro. Este despreparo por parte dos professores causa prejuízos enormes, pois o preconceito o racismo permeia a relação professor- aluno-professor. Esses problemas refletem na construção da identidade e do respeito às diferenças na escola e a construção da boa convivência.

Isto impacta diretamente na continuidade dos estudos de crianças, adolescente e jovem negros, que, por baixa autoestima e situações vexatórias, acabam desistindo da sala de aula e se envolvendo muito cedo na marginalidade perdendo toda a vontade de estudar. Nesse sentido, o currículo deve estar atento, pois, a construção da identidade individual de crianças negras, também contribui para uma construção coletiva. As autoras indicam que, SILVA, RIBEIRO, (2015),

“Um fator que poderia contribuir para a melhoria da imagem da pessoa negra, socialmente, seria o desenvolvimento de uma identidade negra coletiva, pois esse acontecimento lhe proporciona uma idéia mais coesa do que seria, de fato, a cultura afro-brasileira e o que ela realmente representa. Essa identidade conjunta proporciona aos indivíduos, que são vítimas de racismo, um maior poder de defesa contra esse ato inaceitável. Porém, o fortalecimento dos elementos relacionados à etnia negra se torna cada vez mais longe de acontecer de fato, pois não responde aos interesses dominantes. (SILVA, RIBEIRO, 2015. p. 219)

Dados mostram a situação do negro no Brasil atual, as mudanças na estrutura de poder e nas políticas públicas ainda não impactam na vida real do negro. Percebemos ao analisar alguns dados divulgados pelo último censo do IBGE de 2010. Na Educação os negros representam menos acesso. O analfabetismo entre brancos representa 5% enquanto entre negros uma taxa de 16,1%. No acesso ao mercado de Trabalho e renda os trabalhadores negros representam um número maior em relação à desigualdade de renda e acesso ao mercado de trabalho 14,3% enquanto os trabalhadores brancos são de 5,1%. Nas periferias os negros têm sete vezes mais chances de morrer enquanto que brancos apenas três vezes menos chances de morrer na periferia.

O que percebemos que o racismo permeia todas as etapas da vida do negro. De forma muito efetiva o racismo estrutura todas as relações de poder, desde a vida escolar, a vida social e a vida no mercado de trabalho. Funciona como uma ferramenta para frear os negros em avanços coletivos, apenas uma pequena parcela de negros e negros consegue furar esse bloqueio que de maneira consciente e inconsciente é pactuado por Estados, empresários, políticos e pessoas comuns. De acordo com Silvio de Almeida (2018, p. 36) “As instituições são apenas a

materialização de uma estrutura social ou de modo de socialização que tem o racismo como um dos seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto as *“instituições são racista porque a sociedade é racista.”*

A população Jovem do Brasil corresponde a 26,9%. De acordo com a taxa de homicídio os jovens são os que mais morrem a expectativa de vida não chega aos 20 anos. Há um crescente na mortalidade de jovens, principalmente nas periferias. 30.000 mil jovens são vítimas de homicídios por ano no Brasil. E destes 77% são negros.

Falta muito para que os grupos étnicos como negros e índios sejam de fato integrados na sociedade, e fazerem disputas de igual para igual com os brancos. A dívida histórica que o Brasil tem com essa população são de proporção incalculável, pois após abolição, não lhes garantiram direitos como: escola, moradia e trabalho. Apenas abriram as portas das senzalas e os negros relegado a sua própria sorte, aglomerando-se em favelas e morros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentamos os relatos de experiência vivenciadas em campo em territórios de maioria afrodescendente, demonstramos que falta muito para que as escolas possam avançar na efetivação da lei 10.639/03. Como sempre, o problema do racismo é tratado como uma questão secundária. Precisamos de uma educação antirracista, afro referenciado numa perspectiva que enaltecem a ancestralidade africana a partir das suas vivências práticas, no cotidiano das crianças em suas comunidades.

É inaceitável viver num país que ainda se ver negros como subalternado, sem direito ou pertencimento da sua própria história. Os negros são os que estão em situação de maior vulnerabilidade. É os que mais abandonam a escola, o que mais cedo vão para o trabalho precarizado. É também as maiores vítimas do tráfico e morte nas periferias de todo o Brasil.

“A criança negra, por está em formação, precisa de uma referência cultural que orienta a construção de sua identidade e de sua personalidade”. Ou seja, escola não pode contribuir de maneira nenhuma para que o racismo se perpetue que essa criança apague quem ela é. E não deseje se referenciar em padrões brancos.

Passados 15 anos da lei percebemos avanços mais ainda falta muito para avançar. A lei é mal compreendida nas escolas. O exemplo exitoso do professor Eduardo Duarte Ferreira

citado acima só demonstra o quanto é exitoso o trabalho de conscientização da “consciência negra” quebra de paradigmas. Precisamos acabar com o racismo tão diluído nas relações pessoais e institucionais que de forma sutil em alguns momentos e agressivo em outros mudam completamente a trajetória de crianças e jovens nesse país.

Esse pensamento de raça superior e inferior ainda permanece introjectado na consciência e sendo passado de geração em geração na população brasileira. Por isso esses debates devem acontecer no âmbito de toda a sociedade. Bem como não podemos pensar que essas reflexões são dispensáveis do espaço da educação. Temos o dever de aprofundar e levarmos adiante as discussões e a luta étnico-racial dentro e fora da escola nos territórios de maioria afrodescendentes. Compreendemos que essa tarefa é árdua, para os docentes, discente e gestores, mas necessária e indispensável para o fortalecimento das identidades da população negras existentes nos bairros de periferia na lua contra o apartheid brasileiro.

REFERÊNCIAS

CALAÇA, Maria Cecília Felix. **Movimento Artístico e Educacional de Fundamento Negro da Praça da República**: São Paulo 1960 a 1980. Fortaleza – doutoramento em educação. UFC. 2013.

CAVALLEIRO, ELIANE DOS SANTOS. **Do silêncio do lar ao silêncio da escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6ª Ed 2ª reimpressão São Paulo: Contexto. 2015.

CUNHA, JR.HENRIQUE. **Metodologia Afrodescendente**. Revista Brasil, UNESP, 2016-1

_____ **Tecnologia Africana na formação histórica do Brasil**: Curso História e Cultura Afro-Brasileiro. Curitiba, 2007. IPDA- Instituto de Pesquisa de Afrodescendencia.

_____ **Engenharia, Tecnologia e população negra**: responsabilidade social, direitos coletivos e democracia. Seminário São Paulo, 2010.

DUARTE, Ferreira Eduardo. **Entrevista concedida a Emanuela Matias**, 2015.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO BRASILIERA E AFRICANA. CNE/ CP 3/ 2004, aprovado 10/3/2204.

EDUCAÇÃO ANTI-RACISTA: CAMINHOS ABERTOS PELA LEI FEDERAL Nº 10.639/03. Secretaria De Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, 2005.

SANTOS, SALES AUGUSTO. **A lei 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento Negro**, Pag. 21. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade. 2005.

GOMES, NILMA LINO. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão**. Pag. 39. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabelege (org). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Pag. 15.

MAVOUNGOU YADE, Juliana de Souza. **Memórias E Histórias Negras Da Cidade De Carapicuíba-SP: UMA ABORGAGEM PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR**,. Fortaleza – Mestrado em Educação. UFC. 2010.

SILVA, SAMIA PAULA DOS SANTOS, RIBEIRO, ROSA MARIA BARROS. **Ética, Educação e a Problemática do Racismo**. Fortaleza: EdUECE. 2015.

[\(HTTP://EXAME.ABRIL.COM.BR/BRASIL/8-DADOS-QUE-MOSTRAM-O-ABISMO-SOCIAL-ENTRE-NEGROS-E-BRANCOS/\)](http://EXAME.ABRIL.COM.BR/BRASIL/8-DADOS-QUE-MOSTRAM-O-ABISMO-SOCIAL-ENTRE-NEGROS-E-BRANCOS/)

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural ?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018